



O Gaiato

AVENÇA



PORTE
PAGO

Quinzenário * 1 de Janeiro de 1977 * Ano XXXIII — N.º 856 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz



De como nasceu a Casa do Gaiato

A CABARAM-SE as horas angustiosas de não poder remediar o garoto doente da mansarda e de dizer que não, nas Colónias de Férias, ao rapaz que me pedia para ficar mais tempo. Tinha uma casa para eles!

Podia tomar agora o pequenino doente nos meus braços, retirá-lo do casebre onde tudo falta, e deitá-lo eu mesmo na sua cama, onde há sol e abundância, regalado.

Podia atender num instante e deixar ir para Miranda do Corvo, o traquina que por vezes me sai ao caminho: «Deixe-me ir consigo». Podia.

Sem nome, sem influência, sem prestígio, sem dinheiro. Destituído de todas aquelas qualidades que fazem girar no mundo homens e ideias, eu realizei eficazmente os meus desejos, que são justamente os do garoto da rua: dar-lhes pão, sol, largueza, asas. Comprei uma casa para eles — descobri um novo mundo.

Eu tenho que a visitadora social, empregada nos organismos da Assistência de hoje, há-de seguramente ter na vida horas cruciantes, por nada mais poder fazer na casa do Pobre, além de indagar coisas, tomar notas, encher fichas.

Libertei-me dessas horas; já não sofro com elas! Não pergunto nada aos Pobres, que eu bem sei o que eles querem.

A compra da casa que havia de ser do Gaiato, foi feita sem dinheiro.

Tinham-me informado de uma casa de campo à venda,

Cont. na TERCEIRA pág.

«Desde que sou Padre — afirmou Pai Américo — nunca deixei de servir».

Em dia de festa, a imagem do Pelicano — no belo vitral da Capela de Paço de Sousa — exprime eloquentemente toda a vida e acção da Obra da Rua, ao longo de 37 anos.

Aqui, Lisboa!

Quantos vivem este tempo a pensar em Natal? Pais e filhos, maridos e mulheres, patrões e empregados, todos se relacionam mais nesta época do ano e abrem o coração a sentimentos familiares e simpatias, antes menos sentidos. É Natal; e tudo o que no Natal de Cristo foi abandonado, pobreza, desconforto, os homens, hoje, mesmo os que não vivem Cristo na sua vida, procuram não sentir nem deixar sentir.

Chega até nós este espírito de Natal. Os rapazes deliraram de alegria, não apenas com o que nos trazem, mas, sobretudo, com o interesse e amizade que as pessoas manifestam por eles. Como disse o nosso cronista no número anterior, estiveram cá os trabalhadores da S.T.E.T. Não vieram apenas ver, mas conviver. Conquistaram a simpatia dos rapazes a tal ponto que, quando há dias, na visita que os nossos fizemos à sua Empresa, quando descobrimos no meio de tantos empregados, um conhecido, cumprimentaram-se como se fossem amigos de há muito. Creio que a atenção e delicadeza com que os nossos foram tratados é a melhor prova, por um lado, de uma sã compreensão dos rapazes, e por outro também (e me apraz muito registar), de como numa grande empresa é possível o homem não ser nem parecer uma má-

quina, mas sim profundamente humano. Creio que a causa, embora não só o mérito, está no primeiro responsável. Dele muito tem recebido esta Casa.

Esteve connosco também um grupo de cristãos das freguesias vizinhas. O primeiro contacto foi na Igreja Paroquial, talvez nunca tão cheia e pelo menos nunca tão verdadeiramente unida num só coração e numa só alma em oração. Depois, na sala de jantar, o convívio foi mais directo, as visitas misturaram-se com os rapazes, serviram-nos, conversaram familiarmente, fizeram amizade.

Após o almoço o nosso salão acolheu a todos; uns e outros em são divertimento, estiveram até à noite, que terminou com um lanche onde as palavras, aquilo que uns queriam dizer aos outros era tanto que passou da sala de jantar. Aqui tão perto, há tantos anos, muitos não nos conheciam! Já me disseram que na Páscoa voltariam. Estimamos a vossa presença.

Entretanto a nossa vida de Casa caminha no dar solução a mais alguns casos. Chegaram dois aqui de perto. Cada história tem seus cambiantes. Um casal desfez-se. Cada um foi para seu lado; a mulher ficou com os filhos e, entretanto, arranjou outro companheiro. O

Cont. na QUARTA pág.

Cont. na QUARTA pág.

O problema da Habitação

Poucos dias após o que escrevemos no derradeiro número, publicou o «Diário de Notícias» uma entrevista com o Ministro da Habitação. É uma peça longa e variada de que nos fixaremos hoje no que respeita ao «processo SAAL», nosso tema de então.

Constatámos com satisfação que não há o propósito de lhe pôr termo, mas somente de «corrigir certos desvios verificados», talvez pela «inadequada preparação de alguns agentes», «quase sempre demasiadamente auto-bem remun-

nerados para o serviço prestado, acumulando com outras ocupações em profissão liberal», o que levantou suspeitas sobre o «espírito de sacerdotício» com que, parece, esses alguns agentes se teriam apresentado.

O lobo no meio das ovelhas não é nada do outro mundo. Nem é a ele que se há-de imputar principalmente a dizimação do rebanho; antes ao pastor descuidado ou medroso, que não previu nem preveniu o ataque do lobo, nem o enfrentou a tempo, uma vez con-

sumado. Fosse apenas no processo SAAL que tal se viu e não ia mal a coisa! Mas ele foi, na invocação defesa do Povo, na invocação defesa do mesmo Povo!

No caso presente, grande parte da responsabilidade nestes «certos desvios verificados» cabe às Câmaras Municipais, por quem as brigadas técnicas do SAAL deviam apoiar as iniciativas das populações mal alojadas e que não foram vigilantes tanto

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

APONTAMENTO — O Agostinho brincava junto do nosso serralheiro. Aproximei-me dele e fiz-lhe umas perguntas:

— Agostinho, deixas-me brincar contigo?

Claro está que eu disse isto em ar de brincadeira.

Responde:

— Deixo.

— Queres mesmo que eu brinque contigo?

— Não. (Já desconfiado e suspeitando que eu ia escrever numa folha de papel.)

— Porquê?

— Porque não.

Continuava a desconfiar que eu ia escrever o pequeno apontamento para os nossos Amigos!

— É; tu estás a escrever coisas de mim!...

— Não estou nada; simplesmente escrevo uma carta. Não acreditas?

— Não estás nada! Eu não vejo aí o meu nome escrito?

— Em que classe andas?

— Na primeira, responde prontamente.

Um rapaz da sua idade, na primeira classe, ainda não distingue o seu nome de outra escrita qualquer.

— Então, como sabes que está escrito o teu nome?

— É, eu sei ler bem o meu nome...

O nosso Agostinho não é trouxa

nenhum; pelo que vejo já sabe ler o seu nome.

— Com quem é que tu gostas mais de brincar?

— Com os pequenos, meus amigos.

— Então os pequenos não são todos teus amigos?

— Não! Tenho amigos maus...

Fico realmente surpreendido ao ouvir sair uma resposta destas da boca de uma criança, pois «amigos maus» poucos temos.

— Agostinho, voltemos ao assunto. Não queres que eu brinque contigo?

— Não; tu és grande (diz ele fitando o que eu escrevia).

O Agostinho brincava também com três carrinhos; um amarelo, um verde e um cor de laranja.

Pergunto:

— Quando fores grande, qual é o carro que escolherias?

— O que custasse menos dinheiro.

— Tu não pensas ganhar dinheiro suficiente para poderes comprar um carro?

— Talvez; mas eu depois também quero sustentar a minha família!

Fiz-lhe uma última pergunta:

— Achas que os visitantes, que vêm cá, são teus amigos?

A sineta toca, ele aprontou-se logo para comparecer no local de trabalho e não me responde à pergunta.

Aqui deixo, leitores, um breve apontamento sobre o nosso Agostinho que, como muitos outros, é um dos nossos «Batatinhas».

FUTEBOL — Os nossos juvenis são extraordinários, disso é que não duvidem.

Para ganharmos ao grupo das Cavadas pela margem expressiva de 10-0, e 14-3 ao S. Lourenço, não acham que somos...?

Significa pois que os grandes e pequenos avançados estão inspiradíssimos.

Isto não são mentiras; é só virem cá jogar... Basta que nos escrevam para: Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa. E, depois, aguardem a data marcada para o jogo. Venham! E verão quem são os nossos juvenis.

FESTAS — Os nossos mais pequenos foram no dia 11 de Dezembro participar numa festa de Natal, em Vila do Conde, no dia 18 em Lourosa.

Aqui, quando chegámos, a nossa preocupação foi ver se o palco era das nossas dimensões preferidas. Sim, tudo estava ao nosso gosto. E a iluminação perfeitamente dentro da quadra natalícia. Tudo belo!

O público, o mais importante dum teatro, foi muito acessível. Tudo correu bem.

No desenrolar do espectáculo, os aplausos eram em grande número. Estou certo que toda a gente gostou de apreciar os nossos mais pequenitos.

Falta salientar a distribuição das prendas de Natal por parte dos administradores da fábrica «Cinca». Também coube aos nossos rapazes uma lembrança, o que muito os satisfez. Vieram todos contentes, pois receberam um carrinho cada um para poderem brincar!...

«Marcelino»

Escrevo de novo para vos dar uma notícia.

Os Rotários de Penafiel convidaram-nos para uma festa natalícia.

Escolhidos como representantes da nossa Comunidade, fomos o «Jójó» e eu. Muito nos divertimos!

A primeira grande coisa a dizer é que gostámos imenso da festa e dos participantes.

Não posso deixar de salientar a anabilidade e carinho com que nos receberam e trataram.

De salientar ainda o nosso desejo de feliz Natal e próspero Ano Novo. E que as vossas ideias de Amizade, Paz e Amor sejam ouvidas, pensadas e praticadas por muitas outras pessoas.

Concluindo e resumindo: o que nós necessitamos é, realmente, de Paz e Amor uns pelos outros.

Aqui fica bem expresso o nosso muito obrigado a todos os organizadores deste maravilhoso encontro.

João Manuel Lourenço Ganhão

LAR DO PORTO

Nesta quadra tão linda, peço-vos que tornem mais bela ainda, lembrando-se dos Pobres da Conferência do Lar do Porto. Ao longo deste ano, foram esquecidos por muitos dos

seus amigos, mas decerto por culpa nossa! Valeu-nos que o pouco com Deus é muito!...

O cofre está a ficar desfalcado, mas tenho fé que não ficará vazio! Precisamos de dar mais uma migalha a cada Pobre, mas sem a vossa ajuda não o poderemos fazer. Já estão todos na casa dos 70 anos e alguns com tanto mal!

Um santo Natal e que o Senhor derrame as maiores Bênçãos nos vossos lares.

Desejos sinceros do vicentino que espera a vossa resposta.

Cronista X



Maria Isabel, filha do António Jesus Miguel.

QUE SONHO!...

Deixei o meu sapato
Ao pé de um pinheiro.

Um trenó cheio,
Cheio de presentes.

Um homem farrado
De branco e vermelho
Para aqui, para ali...
E desaparece como o vento
Numa linha horizontal
Quebrada por árvores brancas.

Sete badaladas na torre.
Acordei feliz.
Acendi uma vela
Mas fiquei desapontado.

Que sonho!...

Luis Mendes

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Ela vinha prostrada, com um filho de tenra idade pela mão. Em casa tem um ror deles, subnutridos, raquíticos.

A pálida face desta Mãe traduz a cruz que lhe vai na alma. E não sei.

Vinha desabafar. Procurar ajuda.

— Ele já regressou...!

— Ele é o marido, doente mental.

— ... Apareceu em casa sem a gente contar!

— Com alta?

— Está na mesma!

— Esteve poucos dias no hospital!?

— Apareceu em casa sem a gente contar! Não quer trabalhar. Eu não tenho que dar os filhos...

Algo está mal na assistência aos Doentes mentais, em nosso País. Não vamos dissecar o problema, que não somos técnico de Saúde. Mas sublinhamos dois aspectos.

O homem seguia o chamado tratamento ambulatório. E não melhorava. Foi-se a ver, não cumpria as doses prescritas. Chegava a drogar-se, pura e simplesmente!

Uma falha do ambulatório.

Por isso..., dada a miséria da família (e outras misérias que não referimos), tentámos para o homem cura no hospital. Normalmente, seria impossível. Faltam hospitais, dizem. A conselho amigo, de funcionária amiga, optámos pela urgência, no Porto.

O homem ficou internado. Mas, poucos dias depois, regressa sozinho a casa, de surpresa! Aliás, como um outro, que nos deu trabalho idêntico, ainda não há muito tempo.

Em conclusão: que adianta meio mundo sacrificar tempo, dinheiro, etc., a bem da Comunidade, na solução de um problema com graves repercussões d'ordem familiar e social — está à míngua uma família numerosa... — se no fim de contas todos os esforços são baldados?!

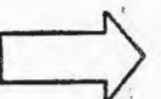
Este homem poderia ser recuperado, com terapêutica adequada. Mas, continuará a ser estorvo para os seus, para a sociedade.

Até quando é que o Doente mental pobre — referimo-nos ao Pobre — permanecerá como que marginalizado, um cidadão de segunda na Pátria de S. João de Deus?!

PARTILHA — A abrir, temos um visitante de Milheirós (Maia) com 300\$00. E mais 200\$00 de Belazaima do Chão. E mais 20\$00 dos Amigos de D. António Barroso. Agora, vêm lá 15 marcos «um pouco do meu pouco para os meus Irmãos pobres» — da Alemanha. Mais 150\$00 de um Casal muito amigo, do Porto, que comemorou as bodas d'ouro matrimoniais. Mais 20\$00 de uma Pobre para os Pobres. Mais uma presença oportuníssima, de Estremoz. Mais 150\$00 da rua Pas-



Eis o Nuno Maximiano



De como nasceu a Casa do Gaiato

Cont. da PRIMEIRA pág.

sita a dois passos da vila de Miranda do Corvo, adequada ao meu fim. O meu informador era o próprio vendedor: «Venha ver que há-de gostar».

Fomos examinar casa e local, por uma tarde de verão. Gostei e tratei por quarenta mil escudos.

Isto foi no mês de Julho de trinta e nove. Por aquele tempo, tinha eu em Vila Nova do Ceira os garotos das Colónias de Férias, a quatro alqueires de boroa nas vinte e quatro horas, fora o mais que eles consumiam. Tinha a costuma da visita semanal às famílias pobres de Coimbra, que eram minhas, muito antes da revolução do garoto e nunca, por

causa dela, deixaram de o ser. Tinha despesas, encargos, compromissos e muita esperança no dia de amanhã.

A torre de Babel não chegou ao céu, por ser errado o caminho que levava. A Obra do garoto da rua, sim.

Outros alicerces, outra argamassa, outros caminhos. Não vai pelo orgulho; vai pela humildade. Não há confusão de línguas; há união de pensamento.

Os construtores de obras assim não têm medo de dinheiro; eles sabem que Jesus o mandou retirar de dentro de um peixe para saldar contas com César.

Onde quer que seja e onde menos se espera, encontra a gente o que precisa.

Assinei a escritura, dei metade à conta e no fim de poucas semanas tinha a dívida saldada. A César o que é de César.

A Casa do Gaiato abriu as portas aos três primeiros garotos, na primeira semana de Janeiro de mil novecentos e quarenta e consta do livro de registos terem feito ali cura de repouso, até ao fim do ano, quarenta e dois deles.

Não é um estranho que se apresenta; é um filho que chega à casa paterna. Nunca se anuncia aos que estão, o nome do garoto que há-de vir amanhã, para não arder Tróia; basta que eles o saibam na hora da chegada.

Vão todos em algazarra infernal, esperá-lo ao fundo da

quinta. O garoto é medido com os olhos, fuzilado com perguntas, apertado de todos os lados, por todos e, finalmente, carregado em triunfo, até à sala de jantar. Não há melhor sala no mundo, para receber garotos assim, do que a de jantar.

A sopa vai servir-se. A childeada continua até às orações da noite. A casa está em festa; chegou uma vítima inocente das tuas prodigalidades. Até que vem a hora da cama de lençóis lavados, que o pequenino vê e goza pela primeira vez na vida.

(...) No dia seguinte começa a vida; o recruta vai entrar no regimento.

(...) O rapaz não sobe de posto por ser da Casa do Gaiato; melhora de situação. Veio das classes pobres, continua a ser e a viver pobre.

Salvo melhor opinião de mestres, afigura-se-me que toda a obra de Assistência à mocidade indigente deve incutir no ânimo dos jovens amor ao trabalho e ensiná-los a trabalhar. Sendo certo que o trabalho é o remédio eficaz contra a miséria.

Se mais alguém no País quiser consagrar a sua vida ao garoto da rua ou à chusma dos filhos empobrecidos pelos males sociais, deve dar à Obra a máxima objectividade, educando a criança como ela deveria sê-lo em sua casa, no seu meio, dentro das possibilidades da família. A Obra deve girar nos moldes da família, enquanto o miúdo lhe não puder ser restituído; e, se este a não tiver, há-de sair do Ninho capaz de a construir, pela prática que teve dela.

A Casa do Gaiato é uma Obra eminentemente social e familiar. Não tem pautas, nem estatutos, nem regulamento — nem orçamento.

Os mais crescidos vão roçar mato de manhã cedo, com o almoço numa cesta de vime, e comem quando bem lhes apetece, à maneira dos trabalhadores. Ao meio-dia regressam a Casa, para jantar; no fim do que, atrelam a jumenta ao carro e de novo voltam ao monte, a colher o fruto do seu trabalho. A distribuição do mato nos estábulos, mal-la do estreme nas terras, é obra das suas mãos.

Outros mais pequenos, após a hora da escola, tomam a medida nas algibeiras e vão às pinhas e à lenha morta pelos montes fora. Sobem acima dos pinheiros, colhem amoras no caminho e trazem na mão ramos de flores que os mais miúdos colocam nas jarras segundo o seu gosto e arte.

O das capoeiras abre as portas e vigia as galinhas, não vão elas picar no que é das mais.

O da cabra toma-a pela gaita e vai campos em fora catar bichos nas leivas, enquanto ela pasta.

Todos nós, os que somos filhos do trabalho dos campos, fazíamos a mesma coisa em pequenos, na casa dos nossos pais.

(...) O sábado é dia de limpeza geral. A escola termina às onze e, após o jantar, os

garotos tomam escovas e joelhais. Os cântaros de água sucedem-se. A casa fica a espelhar. Não é para mostrar a quem venha, que temos a casa assim limpa; é para conforto e bem-estar. É educar. É a nossa casa, onde temos a lareira. É pobre como a deles, só mais asseada. A deles podia ser assim e devia — se tu comeses menos e poupasses mais.

(...) O rapaz, assim à vontade, é espontâneo, encantador. Ele é ele cem por cento, imprimindo a tudo que faz e diz carácter infantil; espelhando na Casa alegria e mocidade.

(...) Na Casa do Gaiato há uma escola risonha e franca, como chama à sua o estudante alsaciano.

Assim tinha de ser. O garoto vem na idade escolar e, desta sorte, não deve esquecer o que porventura já sabia, nem perder a oportunidade de saber mais. A professora não faz ondas; e, nas horas vagas, auxilia nos trabalhos domésticos.

Os usos e costumes da Casa, que também é uma escola, são ensinados aos que chegam pelos que estão.

Os métodos são muito simples, como convém a uma comunidade infantil. Quanto ao silêncio, por exemplo, a regra é assim: na hora e no sítio onde ele se guarda, os que chegam podem falar; os que estão não podem responder.

«Eh! pá, tu estás surdo?» Nada! Amanhã já não falamos; aprenderam num instante. A mesa, na capela, nos trabalhos, nos recreios, em tudo e por toda a parte o garoto ensina o garoto.

A oração em comunidade é presidida pelo garoto de semana, tanto à mesa como nas camaratas, ao deitar e ao levantar. As em particular são feitas por cada um, a seu talante...

D. Amín. 5!

NOTA DA REDACÇÃO — Foi há 37 anos, os mesmos que o Américo contava quando deixou barca e redes e mudou de rumo... — rumo a Pai de uma multidão incontável de filhos de ninguém, em nome de Deus, que só Ele é PAI e d'Ele nasce toda a paternidade no Céu e na Terra.

Este pequeno relatório do primeiro ano de vida da primeira Casa do Gaiato é um programa profundo e oportuno. Cremos que, extrapolado aos confins da Família portuguesa, ele contém potencialidades magníficas para um programa de salvação nacional.

No limiar de um Ano Novo tão carregado de sombras, oferecemo-lo à meditação dos homens de boa-vontade — nosso voto de prosperidade, que é uso fazer-se; sugestão para a Esperança, que é indispensável erguer.

coal de Melo, Lisboa; «um pouco além do habitual» por via da quadra natalícia e pedindo, «como sempre, o anonimato». Assinante 32595, do Porto, 400\$00 «em desconto dos nossos pecados (quem os não tem?!) e para sufragar a alma dos nossos pais, dois irmãos e marido da minha irmã». Rua Ferreira Borges, Coimbra, os habituais 500\$00 nesta quadra festiva envoltos em delicadeza e amizade que nos sensibiliza. Vilar Formoso, 200\$00: «Eu sei que é muito pouco, mas aceitem apenas a boa vontade que é muito grande de ajudar os Pobres, mas por vezes não podemos como queremos» — disse, e muito bem. «Para o Natal dos Pobres da Conferência de Paço de Sousa, 20 cruzeiros», do Azevedo, S. Paulo, Brasil. Que pena não haveres indicado o nome em que recebes

O GAIATO! Não demores a resposta, se fazes favor, a fim de regularizarmos a assinatura. Mais emigrantes! Do Canadá, 20 dólares «para o Natal dos Pobres». Mais 500\$00, em vale de correio, de uma leitora de O GAIATO, em Lisboa. Os habituais 100\$00 da assinante 11162, do Porto. Mais 200\$00 de quem aparece todos os meses, agora com «um pouquinho mais para ajuda da festa do Natal». É de Lisboa. Uma anónima com 150\$00. A irmã de um conhecido crítico tauromáquico, aliás presença muito assídua, com cheque de 500\$00. Atenção Porto; fala «Uma portuense qualquer»:

«Já há uns dias que comecei a preparar o Natal e não quero deixar de vos enviar também pequena oferta para juntar a muitas outras — assim espero — que aí vão chegar nestes próximos dias com o mesmo fim: partilhar com os Irmãos mais necessitados alguns bens que o Senhor vai colocando nas nossas mãos, para que eles também sintam o nosso carinho e, assim, todos celebremos um Natal mais cristão.

Para esse efeito junto, pois, 500\$»

Mais 2.000\$ de um(a) anónimo(a) só com uma legenda: «Para a Conferência Vicentina de Paço de Sousa». Mais 300\$00 da Guarda, cuja leitora afirma sentir-se «neste Natal menos triste sabendo que, embora modestamente, contribuo para que haja mais pão ou mais calor na casa de

um dos nossos Irmãos menos favorecidos pela justiça dos homens». Cabeceiras de Basto, 100\$00. O mesmo da assinante 26658, de Ponte do Govo. Mais 500\$00 de Tavira. Idem, «com votos de Boas Festas» — que retribuimos com amizade — entregue no Espelho da Moda. Mais 100\$ de algures. E 300\$00 do Porto, com o pedido de «uma oração pela conversão de meu marido e o reencontro de três dos meus filhos com Jesus».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

UMA BIBLIOTECA — Quando o Mundo explode de progresso. Quando a cultura é factor importantíssimo numa sociedade que evolui. Quando a leitura é parte integrante de todo o conhecimento e saber. Quando há uma procura intensa de instrução e de ciência. E quando, porque não podemos esquecer que somos dessa sociedade, procuramos fazer algo, nada mais natural que a construção duma biblioteca.

Esta irá ser a fonte onde aqueles que hoje, para que amanhã cozeçam e saibam algo do mundo que os abarca — precisam saciar a sede natural de cultura, possam encontrar um manancial de ciência, saber e conhecimento.

Construímos uma biblioteca; uma salinha que está bastante confortável e reunirá todos os requisitos a um bom ambiente de leitura. Mas, seria possível ou concebível o nome biblioteca se não tivesse livros?...

Amigo leitor, chego pois ao ponto onde, muito a sério e sobre o qual te quero falar. Grande é a nossa responsabilidade neste assunto; e, assim, venho pedir-te que tomes para ti um pouco do fardo que sobre nossos ombros pesa e, sendo muitos, talvez não sintamos a fadiga e não venhamos a esmorecer no caminho.

Olha, amigo. Hoje és mais forte. Estás colocado num mundo que conhece e onde a tua experiência se-

leccionará o bem do mal. Onde é já a tua personalidade que prevalece e a tua vontade se opõe à exploração das fraquezas humanas. É a ti, leitor forte, que peço nos dê a mão. Tens em tua biblioteca um livro que te proporcionou nas horas de ócio uma leitura agradável e te aumentou um pouco mais o saber? Gostaste que teu filho lesse esse livro? Olha!, queres agora compartilhar conosco esse bem que usufruiste? Vê que não será grande a falta que te fará um só exemplar. Mas, se for parte de uma colecção que queres conservar, porque não nos ofereces um volume igual?

Vês, assim serás mesmo o nosso amigo do coração. Não já aquele que contribui com a sua oferta monetária, mas sim aquele que compartilha conosco o bem que possui e procura que algo mais sejamos que homens do mundo, talvez... homens no mundo.

Escuta! Sabes mais um motivo pelo qual a ti recorro? Olha, é um grande problema. É que a rapaziada não está habituada à biblioteca e nas horas livres o campo de futebol ou as correrias são o seu entretenimento. Portanto, já vês quanto vai ser difícil atraí-los a estarem sentados um pouco em cada dia a poderem gozar de algo que é superior às correrias e brincadeiras ainda que estas também façam falta. Nos primeiros tempos, aí oito dias, pelo conhecer da novidade, irão até lá pois a sua curiosidade a isso os levará. É então que haverá de cativá-los. Interessantes, vivas, agradáveis, atractivas, empolgantes, não cansativas, não monótonas, ricas e sãs, terão que ser atributos da leitura a proporcionar.

Então?... Queres ou não compartilhar a tarefa conosco?

Bem, já passou o Natal, mas não te importes, nós deixamos o sapatinho na chaminé até mais tarde. E assim, este Natal dá recado ao teu «Pai Natal» ou ao teu Menino Jesus para que nos traga um bom livro como prenda, sim?!

Não esqueças!... E, desde já..., obrigado.

Bem hajas Menino Jesus!

«Lita»

O problema da Habitação

Cont. da 1.ª pág.
quanto na defesa dessas mesmas populações.

Mas outros pontos puseram em causa o processo: «Toda e qualquer discriminação na escolha das populações a apoiar quando apresentam idênticas carências»; o «discordar-se com a quase exclusividade das acções nos maiores centros ou nas regiões mais desenvolvidas»; o «não se aceitar o abandono das populações rurais».

Eis a queixa de que nos fi-

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

filho mais velho, já vive lá em casa com mulher e um filho; a outra a seguir, desde os doze anos que anda a correr Reformatórios; a outra, com treze, já leva para casa o namorado. A casa que pouco mais é que uma barraca de tijolo, ainda serve de lugar de apoio a mulheres da estrada que ali perto se vendem. Miséria atrai miséria. A nossa Casa não pode resolver estes casos. Pode apenas retirar as crianças para um ambiente são e capaz de contribuir para o seu desenvolvimento e futuro na sociedade. Mas fica o mal; ficam as irmãs, as mulheres, o ambiente. Tudo na mesma ou pior, como tantas coisas nesta terra.

Padre José Maria

zemos eco no artigo anterior e que nos regozijamos de ser aqui denunciada pelo Ministro.

Afinal sempre os mais pobres, os mais abandonados, relegados para o último lugar no atendimento, até quando um critério de talvez maior rentabilidade da operação lhes desse a prioridade.

«No entanto — prossegue o Ministro — nunca tal conjunto de dúvidas poderia justificar que se terminassem as acções empreendidas e que se deixasse de encorajar e apoiar novas acções junto das populações mal alojadas.»

«... As brigadas cujo trabalho seja reconhecido válido conti-

nuarão a funcionar sob a orientação dos órgãos autárquicos próprios.»

Prevenindo possíveis futuros desvios, o Ministro alerta as populações para o controle que também a elas cabe: «As populações directamente interessadas nestas acções têm todo o direito de intervir junto dos agentes que trabalham para a melhoria das suas condições de vida e, portanto, não serão marginalizadas nem reduzidas a simples espectadores do processo.»

Como haveriam de sê-lo se a finalidade destas acções é «a transformação dos próprios bairros» e a iniciativa lhes pertence?

TRIBUNA DE COIMBRA

As prendas mais ternas e saborosas desta quadra festiva de Natal foram o Toninho, «Andorinha» e o Zézinho. Ambos de Angola e ambos mulattos; ambos filhos de pais portugueses brancos e de mães angolanas pretas.

A ternura e o sabor destas prendas são por serem pessoas, por terem direito à vida e a uma família, por serem nossos irmãos, por serem um valor que vale a pena negociar e estimar. São tão meigos e tão encantadores!...

O Toninho tem 10 anos. Veio de Nova Lisboa com a

mãe e mais cinco irmãozitos. Os filhos já estão todos «arrumados» e a mãe está internada num hospital psiquiátrico. Vieram há um ano e este foi-nos entregue a pedido da Caritas Portuguesa.

O Zézinho tem 5 anos. Veio há meio ano com o pai e uma irmãzita. A mãe ficou pela terra, Sá da Bandeira, com outros filhos. O pai hospedou os filhos numa pensão e nunca mais apareceu. Recebemos este menino a pedido da Comissão de Retornados, que presume que o pai tenha regressado a Angola.

Se todos nos tivéssemos calado e tivéssemos vergonha da nossa colonização e descolonização; se todos tivéssemos consciência dos nossos actos e fôssemos capazes de nos arrepender e pedirmos perdão para os nossos pecados, as Casas do Gaiato aceitariam estas prendas e ficariam em silêncio.

Mas, Deus do Céu e da Terra! Os homens mais responsáveis por estes atropelos aos direitos dos outros homens aparecem em público pela palavra oral ou escrita, pela imagem na TV, com um cunho de heróis ou com atitudes de inocência, com atitudes provocatórias à verdade ou com gestos ameaçadores aos valentes, que nós não podemos ficar calados. Temos de gritar por todos os inocentes, por todos os despojados, por todos os ultrajados, por todos os desfeitos de vida e de família, por todos os derrotados.

Quantas vezes nos tem apetecido, diante do écran (das poucas vezes que o vemos), gritar bem alto: «Cala-te vilão!» «Cala-te covarde!» «Cala-te assassino!» «Cala-te vendilhão!» «Cala-te ladrão!»... Mas não somos nós a julgar, nem queremos ser nós a condenar. Deus é quem nos julga. Que Ele perdoe os nossos pecados. Que o Toninho e o Zézinho perdoem os pecados destes grandes colonizadores e destes ainda maiores «descolonizadores».

como filho da Obra. O Padre Baptista. O Manuel Simões. Uma repariga que debaixo de chuva me pediu que fosse buscar uns lençóis a Beire, no carro que levava... O meu voto de um Natal feliz e que o vosso sofrimento ao ver os Outros sofrer, seja o vosso acolhimento num «céu» radiante.

Como gaiato e o primeiro de Angola a entrar na Casa do Gaiato de Malanje, tenho o dever de dar saudações natalícias a todos as nossas Casas.

Foi a Casa de Malanje que me abrigou quando aos 10 anos fiquei sem o amor de pai; deu-me um curso, casei, tenho uma filha, mas sou vosso Irmão. Guardai as minhas saudações, pois mais não vos posso dar. Como retornado que sou, o dinheiro não abunda e é com sacrifício que sustento o meu lar.

Sou irmão do Quim de Malanje que se prepara para no futuro trabalhar no amor dos que não têm amor de pai ou mãe.

Natal Feliz!

Manuel Fernandes»

Mas sejamos realistas. Dada a inexperiência e a desabituação do Povo nestas operações colectivas; dada a sua fundada desconfiança nos auxílios vindos de cima — há que desfazer muita timidez, muito individualismo e fomentar estas iniciativas num trabalho prévio de mentalização do nosso Povo.

Que as novas Câmaras, mais responsáveis, mais autorizadas, mais providas de meios que se anunciam e esperam, se não fiquem também elas na expectativa do que as populações irão fazer; mas desempenhem o papel que a elas, mais do que a nenhuma outra entidade, pertence de tomarem sobre si esta prévia mentalização e provocação à iniciativa e a acompanhem depois até ao seu termo eficaz.

Padre Carlos

RETALHOS

● O Natal deste ano chegou com sabor a Primavera. O tempo ameno fez rebentar algumas flores. Flores a enfeitar os rigores do Inverno. Com elas festejemos a fraternidade. A fraternidade que deveria viver no meio dos homens, mas que tantas vezes se esconde, se afasta. Recebamo-la com alegria, para que se instale e não se vá embora.

● Cristo veio à Terra para ficar a viver no coração dos homens. Para que estes se sintam Irmãos e vivam como tal. Mas os homens vêem pouco e procuram mal a felicidade. Porque procuram mal não a acham. E por isso o mal que por aí vai!... Que fazemos nós para evitar que assim seja?

● Os nossos mais pequenos têm andado contentes. Aprenderam umas cantigas e a bailar umas «modinhas» e levam a sua alegria a algumas Festas de Natal. Dão alegria e recebem carinho. Conjugam nos seus corações os verbos «dar» e «receber». É na síntese destes dois verbos que se realiza a vida. Por isso eles vivem e andam contentes.

Padre Horácio

Padre Abel

PARTILHANDO

São estas as últimas recordações de um ano que chega ao fim, com a vinda do Natal.

Alguém que fica sem Esperança e diz que não acredita mais... Alguém que soluça ao ouvir falar de divórcio!... Alguém que está alegre porque é o dia do seu casamento. Alguém que sonha, porque o Amor ainda não morreu, apesar de tudo. Alguém que canta, porque vai estar com a família e alguém que sofre porque a perdeu. Alguém que sorri mesmo na solidão! Alguém que vive, mesmo quando deixou de acreditar...

Já lá vai mais um ano. Era novo há meses e agora é velho. A velocidade das horas é sempre a mesma, embora as marcas que elas deixam nos Homens sejam bem diferentes. A certeza de não voltarmos atrás devia unir-nos muito mais para o amanhã que hoje começa. A recordação dos anos mais distantes nem sempre é tão feliz e lúcida para

a partir dela construirmos laços de união e compreensão para com todos os que a nosso lado vão nascendo para a vida. Mas, ou somos companheiros de viagem, dando as mãos, repartindo o farnel, evitando os atropelos, criando pontos de paragem, incitando à caminhada — e então diremos que vale a pena viver sempre mais... Ou caminhamos sozinhos, encostados ao nosso «bordão», olhando apenas a meta que nunca atingiremos senão em comunhão de peregrinos que somos.

O ano que está à porta é mais importante do que todos os que passaram. É verdade! E só o não será para quem já disse tudo o que tinha a dizer... só porque esqueceu que todos temos ainda algo de importante a dizer a todos! Se dissermos e não fecharmos os ouvidos, então escutaremos a Grande Novidade do Natal: Amai-vos. Se não e depois?...

Padre Moura

